

PÓS-INCÊNDIO COLEÇÃO EGÍPCIA DO MUSEU NACIONAL RJ/UFRJ: OS AMULETOS E O ESCARAVELHO DA SACERDOTISA SHA-AMUN-EM-SU

Hasselmann Eliza¹; Faulhaber Priscila¹

1 - Filiação – Pós graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO/MAST (*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ Museu de de Astronomia e Ciências Afins*)

Apoio Financeiro: CAPES.

RESUMO:

Esse trabalho buscou perceber a condição de semióforo dos amuletos resgatados do incêndio do Museu Nacional os significados que excedem sua materialidade, a forma de identificação e regate. Com objetivo de relacionar os amuletos e o escaravelho da múmia de Sha-Amun-en-su, item da coleção egípcia do Museu Nacional UFRJ, sob a ótica da teoria de semióforos desenvolvida por Pomian e memória como fenomeno social defendida por Halbwachs. Para a elaboração do estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em fontes primarias, bem como em artigos científicos, sites oficiais das instituições pesquisadas e canal do Youtube da UFRJ. Tal reflexão identifica a importância dos novos significados.

Palavras-chave: coleção egípcia; Museu Nacional; significados; memória.

INTRODUÇÃO:

Este texto aborda como a pesquisa tecnologica realizada pelos pesquisadores do LAPID (Laboratório de Processamento de Imagem Digital do Museu Nacional/UFRJ) na coleção egípcia do Museu Nacional UFRJ foi importante para indenficação de peças no regate após o incêndio.

O resgate começou ainda no dia do sinistro, apesar da terrível perda, essas poucas ações de inventario utilizando a técnica de escaneamento 3D e tomografia desde início dos anos 2000 foram de suma importância para o reconhecimento de algumas peças. (Duarte, 2022, p.12) [1].

Através desses procedimentos foi possível identificar oito amuletos que protegiam a múmia de Sha-Amun-en-su e o seu escaravelho, no caixão lacrado com a cantora-sacerdotisa *Sha-amun-em-su*, da dinastia do século XVII a.C. . Era um objeto dotado de grande estima pelo imperador D. Pedro II, um presente de Quediv.ilsmael (paxá egípcio- conhecido como Ismail, o Magnífico) (Chaves, 2019, p.212) [1].

Importante ressaltar que a coleção egípcia teve início com D. Pedro I e foi ampliada por D. Pedro II, entretanto por um longo período (1826 a 1890) esta possuía apenas características de curiosidade (Chaves, 2019, p.23) [2].

Todavia, no início do século XX, o russo Alberto Childe, curador do Museu Nacional de 1912 a 1938, mudou a maneira de tratar a coleção egípcia, procurou analisar o acervo de forma científica e publicou o “Guia das Collecções de Archeologia Clássica” (Chaves, 2019, p.25) [2].

Outra personalidade marcante na catalogação do acervo das peças egípcias do Museu Nacional/UFRJ foi o egiptólogo de origem inglesa Kenneth Kitchen que, em parceria com a brasileira e doutora em Arqueologia e Geologia Maria Beltrão, realizaram a publicação de outro catálogo, com o título de “Catálogo da coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro” (Chaves, 2019, p.68) [2].

Segundo Pomian (2008, p.79) [3] as coleções nessa época demonstravam “para os detentores do poder insígnias da sua superioridade e instrumentos que lhes permitem exercer uma dominação neste meio”. Como símbolo de *status* social, dava ao colecionador a prerrogativa de analisar como esses objetos se relacionavam com mundo, adquirindo sempre mais peças como objetivo e desejo de assimilar mais conhecimento.

O acervo perdido e a parte resgatada são compostos em sua maioria em *shabtis*, estelas e objetos funerários, os artefatos da coleção tem datação de antigos períodos da história egípcia. Contudo, de acordo com o site da SESHAT¹, parte da coleção egípcia resgatada ainda é a maior da América Latina, sendo a precursora na pesquisa exclusiva para a Egiptologia (SESHAT, 2023) [4].

Neste sentido busca-se associar esses itens resgatados com a teoria de semiófaros de Pomian, e com a percepção de memória coletiva desenvolvida por Halbwachs. Interpretando os valores desses objetos, os significados agregados e resignificados.

OBJETIVO:

Esse estudo tem como objetivo identificar os amuletos e o escaravelho da múmia de Sha-Amun-en-su, item da coleção egípcia do Museu Nacional UFRJ, interligando com a pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores do SESHAT sobre este acervo, buscando compreender os novos valores após o incêndio desses artefatos, sob a ótica da teoria de semiófaros desenvolvida por Pomian e memória como fenomeno social defendida por Halbwachs.

METODOLOGIA:

A pesquisa realizada foi descritiva e qualitativa exploratória, utilizou como objeto de análise a coleção egípcia, com ênfase no caixão lacrado *Sha-amun-em-su* e seus amuletos, do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista localizado no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro (RJ). Foi coletada informações dos sites: <https://museunacional.ufrj.br/> e <https://seshat.museunacional.ufrj.br/> [5 e 4], além de um levantamento de entrevistas gravadas por professores, colaboradores e funcionários do Museu Nacional disponibilizados no Youtube via canal da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), sendo selecionada uma das entrevistas da *live* 500 dias de resgate: Memória, coragem e imagem- “Olhares externos”, realizada no dia oito de abril de 2021 às 10h, como o professor Jorge Lopes. Sendo utilizado também o livro digital

¹ O Seshat é um grupo de pesquisas brasileiro que se dedica à Arqueologia do Egito antigo, sediado no no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Fonte: <https://seshat.museunacional.ufrj.br/bibliografia-selecionada-da-colecao/>).

nº22, 500 dias de Resgate - Memória, coragem e imagem do Museu Nacional UFRJ [6], organizado pela arqueóloga Claudia Rodrigues Carvalho; com a edição de: Luciana Carvalho, Gabriel Cardoso e Silvia Reis.

RESULTADOS:

Ao longo da história esse acervo museológico foi recebendo novos significados, inicialmente caráter de colecionismo que mesmo sem a suntuosidade dos acervos dos museus de cidades importantes da Europa, como: Paris, Londres e Turim; entretanto, o Brasil mesmo longe “dos grandes circuitos culturais, ela dispunha de um conjunto de boa qualidade e que representava bem a civilização egípcia” (Chaves, 2018, p.129) [2].

Assim a coleção tinha dupla função, uma de apresentar a “cultura material” da civilização egípcia através de “suas técnicas artísticas e ritualísticas e permitindo o contato dos brasileiros com esse tipo de produção” para quem não tivesse condições de ver no país de origem e a outra funcionalidade seria como um modo comparativo com culturas diferentes “como forma de se entender os graus de civilidade das sociedades que habitaram o Novo Mundo e, a partir disso, medir as possibilidades de um futuro melhor para os seus herdeiros” (Chaves, 2019, p.242) [2].

A pesquisadora britânica Susan Pearce (2010) [7] reafirma que a formação das coleções tinha em geral a função de status de riqueza e poder. Ela pontua que os museus tiveram uma função importante para a preservação e disseminação do conhecimento do patrimônio cultural ao decorrer do século XIX e XX, deixaram de serem apenas depósitos de objetos e se constituíram em centros desenvolvedores de pesquisa, conservação e educação. Evidencia também que no século XX, essas instituições tiveram um grande avanço tecnológico na conservação dos acervos e também com evolução do papel do museu com a sociedade, que cada vez mais busca propagar conhecimento e ensino.

Deste modo, o Museu Nacional/UFRJ correspondeu ao seu papel de desenvolvedor de conhecimento, assim realizou estudos em metodologias de modelagem avançada 3D, no setor egiptologia com aplicação em pesquisa científica. Através de escaneamento de peças do acervo da coleção egípcia, com a aplicação de radiografias e a tomografias, com o objetivo de estudar melhor os artefatos e conservar em arquivos digitais. Através desses exames foi possível verificar que existiam oito amuletos e um escaravelho dentro do caixão inviolado, e durante o resgate estes artefatos foram reconhecidos dentre os outros itens da coleção egípcia (SESHAT, 2023) [4].

A ação proativa dos pesquisadores, estudantes e colaboradores, foi fundamental para o resgate do que sobrou do acervo do Museu como um todo, no caso da coleção egípcia, pouco se tinha de esperança de encontrar peças, porque além do fogo o prédio sofreu desabamento, atingindo à área do Egito, localizada no térreo. De acordo com o livro digital nº22, 500 dias de Resgate - Memória, coragem e imagem do Museu Nacional UFRJ [5], apesar da vontade de procurar e retirar as peças dos escombros, tudo foi realizado com metodologia arqueológica e segurança, seguindo todos os protocolos. Durante o resgate, alguns artefatos como os *shabtis* tiveram processos de modificação em suas cores originais em decorrência do fogo.

Os resignificados dos itens resgatados do caixão se relacionam com tanto no patrimônio tangível com no intangível, tomados pela memória coletiva dos pesquisadores, que segundo Halbwachs (2004) [8] podem se pontuados como “marcos sociais”, lembranças compartilhadas, com a finalidade de recostituir uma imagem perdida, aqui o todo perdido no incêndio.

Se anteriormente o caixão fechado da cantora-sacerdotisa, possuía para D. Pedro II dois valores associados: um de semióforo, apropriando o conceito de Pomian (1984, p.71) [3], indicando que o objeto foi retirado do seu uso e passa a servir para a contemplação e o segundo de poder (Chaves, 2019, p.214) [2].

Agora esses os objetos que tem um valor de memória e são balizadores da história, os artefatos da coleção egípcia já tinha perdido sua função original ao serem itens para colecionar e para contemplação, o que Pomian (1984, p.71) [3] define como “semióforos” – “objectos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura”.

Posto isso, é perceptível a natureza evocativa desses objetos, e unem às memórias no tempo e no espaço, para Pomian (1984, p. 72) [3] esse valor conotativo é importante e figura o “invisível”.

CONCLUSÕES:

Os 500 dias de resgate descrito nas entrevistas transmitidas nas *lives* selecionadas e no livreto digital nº22, realizado pelo Museu Nacional/UFRJ, apresentam as dificuldades e superações mediante a devastação sofrida no dia 2 de setembro de 2018. É um fato notório que o incêndio, deixou um rastro de perdas imensuráveis, para a pesquisa brasileira e internacional, além da instituição ser um referencial na pesquisa para a sociedade.

Contudo, as ações pioneiras de pesquisa e conservação do patrimônio através de tecnologias digitais realizadas há mais de 20 anos pela equipe composta por arqueólogos e egiptólogos do LAPID da instituição, e com parcerias de outros núcleos de estudo, estão sendo fundamentais para identificação e inventário da coleção egípcia resgatada.

Devido diversas dessas peças terem sido estudadas individualmente, com tecnologias modernas, como as radiografias e as tomografias, uma compreensão renovada e ampliada desses objetos pôde surgir. Assim a coleção que está aos poucos sendo recuperada através dos arquivos 3D realizados antes do incêndio, permitirá que pesquisadores estudem o acervo por meio desse banco de dados. Refletindo esse acervo, como novos semióforos, uma vez que esses objetos estão modificados e com novos evocativos de significados, com sua estrutura material transformada, e envoltos em uma imaterialidade de signos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- [1] DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Um novo centenário para o Brasil e seu Museu Nacional**. ANAIS DO MUSEU PAULISTA São Paulo, Nova Série, vol. 30, 2022, p. 1-26. d1 e 24.
- [2] CHAVES, André Onofre Limírio. **Do Kemet para o Novo Mundo: O colecionismo de antiguidades egípcias no Brasil Imperial (1822-1889)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. 2019.
- [3] POMIAN, Krzysztof. **“Coleção”**. In: Enciclopédia Einaud. I. Memória – História. Porto: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1984, p.51-86.
- [4] SESHAT. **Museu Nacional apresenta peças da coleção egípcia resgatadas no Palácio**. Facebook, 7 Maio 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/seshatlab>. Acesso em: 20 de jun. 2023
- Universidade Federal do Rio de Janeiro. **O resgate da coleção egípcia do Museu Nacional**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=ZVNaTZLK81M>. Acesso em: 25 de jun.2023.
- [5] <https://museunacional.ufrj.br/>. Acesso em: 10 de maio de 2023



[6] CARVALHO, Claudia Rodrigues. **500 dias de Resgate - Memória, coragem e imagem = 500 days of Rescue - Memory, courage and imagem**; E.E.: Luciana Carvalho, Gabriel Cardoso e Silvia Reis. – Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021. Dados eletrônicos – (Série Livros Digital; 22). Acesso em: 10 de maio de 2023.

[7] PEARCE, Susan. **“The collecting process and the founding of museums in the sixteenth, seventeenth and eighteenth centuries”**. In: PETTERSSON, Susanna; HAGEDORN-SAUPE, Monika; JYRKKIÖ, Teijamari & WEIJ, Astrid (ed.). Encouraging collections mobility. A way forward for museums in Europe. Kaivokatu: Finnish National Gallery, 2010.

[8] HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.